

» RICARDO DAEHN

Fazer um filme sozinho é meio chato”, contou a atriz australiana Catherine Laga’aia, aos 19 anos, para o *The New York Times*, recentemente. O tom de queixa da protagonista de *Moana* vem da excessiva atuação frente a uma tela azul (a ser enxertada por imagens mexidas no computador). O tom choroso em nada se prolonga, quando ela analisa a importância de encabeçar o live-action conduzido para Disney por Thomas Kail. “*Moana*”, o filme de animação de 2016, mudou minha vida de tantas maneiras, servindo de grande inspiração para mim quando eu era mais jovem. Ter uma princesa da Disney que vem da sua cultura é algo muito especial a ser celebrado”, observou.

Filha de Jay, um reconhecido ator de ascendência samoana, Catherine tem muitos dos sete irmãos atuando no teatro musical. Para a seleção no novo filme, que vem na esteira da participação na minissérie *As flores perdidas*, a nova estrela de cinema enfrentou mais de 32 mil colegas, em afunilada concorrência. “No momento em que Catherine entrou na sala durante o teste, senti que tinha encontrado a Moana. Ela interpretou duas cenas e cantou *How far I’ll go*, e as emoções daquele momento ainda estão vivas em minha memória. Ela cantou muito bem, mas também senti que ela realmente compreendeu as emoções. Depois de ouvi-la cantar, levantei-me imediatamente da cadeira”, registrou o diretor, na rodada de entrevistas internacionais.

Peça fundamental ao filme, Catherine, vista por meio das declarações em noticiários estrangeiros, com afirmações inesperadas sobre a vida pessoal, parece descolada do impacto que o novo filme terá na carreira. “Se não é um dia bom para os meus cachos de cabelo, eu simplesmente não funciono” foi das declarações juvenis em que, com visibilidade, fala da predileção por beber água com muito

gelo; gostar de caminhar, até por não ter carteira de motorista e da gana por macarrão simples, de pacote, com generosa dose de queijo parmesão.

Engrossando a lista de mais de uma dúzia de animações transformadas em live-action, *Moana*, junto com a nova estatura para a artista Catherine Laga’aia, fortalece o imaginário da menina resiliente entre obrigações na ilha natal de Motunui (no Pacífico Sul) e a jornada rumo ao oceano aberto. “A sensação de perigo ao ver Catherine — uma adolescente — no meio de tempestades é diferente quando há uma pessoa vivenciando aquilo. Por isso, acredito que a sensação de aventura e perigo fica realmente intensificada nesse aspecto, no live-action. Nada disso diminui a diversão ou o entretenimento; acho que isso cria um belo contrapeso para toda a alegria que buscamos transmitir”, observou o diretor, reconhecido nos bastidores das produções musicais da Broadway, e vencedor de prêmios Tony, pela montagem de Hamilton, que contou com o talento do compositor Lin-Manuel Miranda, também integrado ao filme *Moana*.

Descendente de porto-riquenhos, Manuel-Miranda é autor de refrões de sucessos colados a títulos como *A pequena sereia* (2023), *Encanto* (2021) e *Mufasa: O Rei Leão* (2024). Momentos antológicos como a carga de empatia defendida pela protagonista, quando encara confronto com a deusa Te Kā (com coração inexistente), prometem ser explorados na aventura que faz reviver memórias da animação *Moana*: Um mar de aventuras. Mistérios serão desvendados neste longa que traz Moana como uma navegadora em busca do posto de liderança, ao se falar do destino de Te Fiti, da interferência do semideus Maui (papel reprisado por Dwayne “The Rock” Johnson), tudo com a presença cômica da dupla Pua, um divertido suíno, e Heihei, um galo atrapalhado.

Defesa DAS ORIGENS PROFUNDAS



Sobrevoo nas origens do equilíbrio da natureza é fonte de inspiração para o live-action

Catherine Laga’aia é a protagonista de *Moana*, da Disney



Foto: Disney

Sob a vigência das “vivências singulares” negras, num plano de literatura diferenciado daquela “negrista” (registrada em autores como Jorge Amado), o documentário inédito de Joel Zito Araújo, *Cadernos Negros*, chega à programação do canal Curta! (hoje, às 22h, na plataforma CurtaOn.com.br e para assinantes de TV paga). “Existe uma literatura negra, sim”, defende Conceição Evaristo, uma das autoras abraçadas pelo sentimento de comunidade e pelo impulso na vida social de autores como Oswaldo de Camargo, Miriam Alves, Cuti e demais escritores com rota modificada pela atuação do grupo Quilombhoje, uma iniciativa com senso de coletividade aguçado.

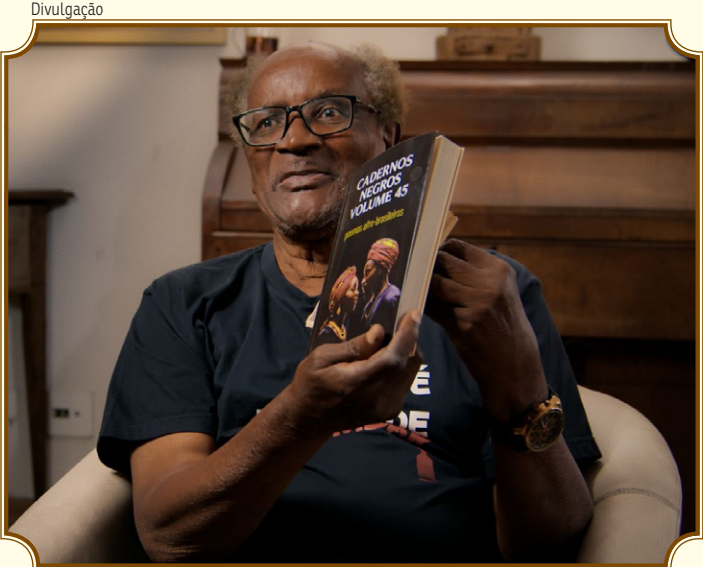
Brasília marca presença na fita, pelo despontar de Cristiane Sobral e de Margaret dos Anjos, inclinada ao afago na autoestima, com poema dedicado a si:

POR REAL LIBERDADE DE EXPRESSÃO

“Fujo do padrão, mas ganho na beleza”, atesta, no filme. Donas de um “discurso mais completo”, em planos racional e emotivo, conforme reforça o entrevistado Cuti, as mulheres integram capítulo à parte no documentário, que revela origens do Movimento Negro no Brasil. Traços da identidade de grupo habitam pensamentos de pensadoras como Miriam Alves (autora que esbraveja um de seus

poemas: “Minha carne queimou na panela...” e Conceição Evaristo (representada pela reprodução de Eu-mulher, num trecho que demarca: “Eu fêmea-matriz/ Eu força-motriz/ Eu-mulher/ Abriço da semente/ moto-contínuo/ do mundo”).

Ainda que um dos pilares da publicação *Cadernos Negros*, nascido em fins dos anos de 1970, Cuti desautorize o dito “homem cordial”, ele celebra a solidariedade



Divulgação

Documentário *Cadernos Negros* investiga trajetória da publicação que atravessa décadas

momentos de cisão e de renovação dos autores publicados pelos *Cadernos Negros* (são mais de 300) e dos esquemas de difusão da antologia em bailes soul, bares, festas black e dentro do movimento hip-hop. Nos discursos apresentados transparece a queda “da máscara branca da imitação” e a “limpeza do espírito de dominação” (dos brancos), revela-se a influência da literatura oral em Cruz e Sousa e Lima Barreto, além de ser renovada admiração pelo braço periférico de autores como Oubi Inaê Kibuko e Carolína Maria de Jesus, que escreveu em anteparostirados do lixo, e que deram nome ao *Cadernos Negros*. (RD)

ativa reinante num “bojo de algo maior” e que deságua na ação afirmativa que renova a saudação ao lúcido pensamento do abolicionista Luís Gama, citado com: “Enquanto houver um só escravo no Brasil,

a nação inteira estará acorrentada”. Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina e Abelardo Rodrigues, entre outros expoentes, tratam da queda do caráter “puxa-saco de branco” (nas letras dos pretos), lidam com